

Cronistas e locutores esportivos do Amazonas: a trajetória do esporte contada por quem viveu essa história nas ondas do rádio¹

Ana Venância da Silva PACHÊCO²

Lineize Leal SEIXAS³

Manoela Mendes MOURA⁴

Edilene MAFRA Mendes de Oliveira⁵

Centro Universitário do Norte, Manaus, AM

RESUMO

O Amazonas guarda na lembrança a história de grandes profissionais do rádio que fizeram parte do tempo áureo do esporte, em especial do futebol. Os anos 1950, 1960, 1970 e 1980 foram marcados por importantes campeonatos que levaram centenas de milhões de amazonenses aos estádios. Mas, a falta de investimentos e políticas públicas de incentivo ao esporte fizeram que o futebol local entrasse em decadência. Com a escolha da capital do Estado como uma das cidades-sede da Copa de 2014, os olhares voltam a se direcionar ao esporte local. Esta pesquisa apresenta dados obtidos em entrevistas realizadas para a Enciclopédia do Rádio Esportivo Brasileiro, organizado pelo Grupo de Pesquisa em Rádio e Mídia Sonora da Intercom.

PALAVRAS-CHAVE: Cronistas esportivos; Locutores esportivos; História do esporte; Esporte no Amazonas; Rádio no Amazonas.

INTRODUÇÃO

O futebol teve origem na China, por volta do ano de 2.500 a.C.. O esporte iniciou como um treino militar. Era disputado com uma bola de couro redonda, recheada com cabelo e crina, e assim os jogadores precisavam ter habilidades, pois a bola não podia cair ao chão. A trave da época eram duas estacas fincadas no chão.

Já em 4.500 a.C., os japoneses já tiveram acesso ao Kemari, que era um jogo muito parecido com o futebol brasileiro, jogava-se com as mãos e com os pés e a bola era feita de

¹Trabalho apresentado no DT4 – Intercom Junior – Comunicação Audiovisual. Evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Estudante de Graduação do 6º. semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo do Uninorte/Laureate, email: annavenancia@gmail.com.

³Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo do Uninorte/Laureate, email: seixaslineize@yahoo.com

⁴Graduada em Comunicação Social - Rádio e TV pelo Uninorte/Laureate, email: manoela.moura@gmail.com

⁵Orientadora do trabalho. Mestre em Ciências da Comunicação. Professora do Curso de Comunicação Social do Uninorte/Laureate, email: edilene.mafra@gmail.com

fibras de bambu, no entanto só era disponível para as famílias nobres e com isso as outras pessoas ficavam pelo lado de fora que delimitavam o campo, dentre essas pessoas existiam os escravos que funcionavam como gandulas para os nobres.

Na antiguidade, na cidade grega de Esparta surgiu o *Epyskiros* nome difícil para os narrações dos locutores esportivos, os jogadores tinham dificuldades para chutar essa pelota que na verdade era uma bexiga de boi recheada de areia, como na época não haviam inventado a chuteira os mesmos tinham que ter forças nos pés, os jogos eram realizado por quinze jogadores e esses jogos faziam parte de treinamento militares.

Na Roma cem anos antes de Cristo surgiu o *Harpastum*, considerado o primeiro futebol com esquema preestabelecido um jogo disputado sobra regras rígidas a disputa era realizada com uma bola de bexiga de boi coberta com uma capa de couro chamada de *Follis* um jogo realizado com os pés. Outro tipo de modalidade era o de *Soule* ou *Choule* que teve influencia da latina na Gália, antigo nome dado a França era um tipo de esporte semelhante futebol da atualidade no mundo.

Com todos esses acontecimentos o futebol foi ganhando tanto prestígio, que em 1.314 o rei inglês Eduardo II resolveu proibir a disputa de jogos, alegando-se de que os jovens estavam descuidando do arco e flecha, esporte que na época era importante em uma nação que vivia em permanente clima de guerra.

Em 1.529, duas forças políticas resolveram acabar com uma antiga rixa por meio de um jogo de bola o resultado do jogo que durou horas, foi a paz interna entre os dois grupos políticos o esporte fez tanto sucesso que até os papas da época resolveram aderir.

Na Inglaterra, os partidários do rei Carlos II, que viviam refugiados na Itália foram seduzidos pelo cálculo. E grande momento foi o jogo disputado entre servos do rei Carlos II e os do Conde D'Albemarie, esse jogo começava a fase civilizada do futebol.

No Brasil o futebol foi introduzido pelo paulista Charles Miller, que quando garoto foi concluir seus estudos na Inglaterra. Ao retornar para o Brasil, em 1894, Miller não trouxe apenas um diploma, mas a experiência como centroavante do equipe do condado de Hampshire. Como Miller era de uma família rica tinha tempo para treinar o que na época o fez maior jogador brasileiro. Também foi arbitro até 1.914 quando decidiu sair cena.

O primeiro jogo da seleção brasileira foi realizado no dia 21 de junho de 1.914, em Laranjeiras, o jogo aconteceu contra o time Inglês *Exerter City*. Mas o jogo considerado oficial pela FIFA foi realizado no dia 20 de setembro de 1914 onde Brasil perdeu para Argentina em Buenos Aires, por três a zero.

Na época quando deu início a seleção brasileira os negros não podiam se integrar aos clubes, pois somente em 1.918, a Federação Brasileira de Sport resolveu acabar com o preconceito. Onde deu início a uma nova era do futebol brasileiro.

Com o passar do tempo, o esporte ganhou todo o país e se tornou a “paixão nacional”. No Amazonas, teve seu auge nos anos de 1.950, 1.960, 1.970, 1.980, levando milhões de pessoas aos estádios amazonenses. O esporte não fazia distinção às classes sociais e muito menos se rendia às dificuldades econômicas, visto que havia um grande interesse popular.

Um dos grandes responsáveis pela propagação do futebol pelo Estado do Amazonas, diante de todas as dificuldades de acesso geográfico, foi o rádio, que tem em sua memória muitos de grandes locutores e cronistas esportivos. Porém, a falta de investimentos e de políticas voltadas ao desenvolvimento do esporte fizeram com que o futebol local saísse da primeira divisão chegando atualmente à quarta divisão.

Esta pesquisa apresenta parte dessa história e da relação entre futebol e rádio amazonenses. Partiu de uma proposta realizada por alunos de projetos de extensão na área de rádio, do Centro Universitário do Norte (Uninorte/Laureate), a fim de realizar um levantamento histórico e bibliográfico sobre cronistas e locutores esportivos do Amazonas para a Enciclopédia do Rádio Esportivo Brasileiro, organizado pelo Grupo de Pesquisa em Rádio e Mídia Sonora da Intercom. Diante da riqueza de conteúdo coletado durante entrevistas com importantes profissionais do rádio, surgiu a ideia de fazer um levantamento mais detalhado, do qual apresentamos resultados parciais neste artigo.

Início do rádio esportivo no Amazonas

O rádio no Amazonas teve início em 1927, com a criação da “Voz de Manaós”, por Ephigênio Salles. A Voz de Manaós era voltada a serviços de utilidade pública e visava atender as necessidades da metrópole nacional da borracha, com anúncios informativos de saída e chegada de embarcações e sobre as cotações de produtos como o látex, conforme relata Nogueira (1999):

O objetivo central desta emissora, inaugurada ainda na primeira quinzena de abril de 1927, era transmitir aos municípios do interior dados e informações atualizadas das cotações e valorizações dos produtos naturais nas bolsas internacionais a situação da moeda brasileira e o câmbio exterior, o horário de chegada e saída das embarcações e as realizações do governo estadual. As irradiações ocorriam às segundas, quartas e sextas-feiras, entre nove e dez da noite. (NOGUEIRA, 1999, p. 39)

Porém, as primeiras transmissões radiofônicas amazonenses são marcadas por muitas deficiências técnicas devido a qualidade deficiente do áudio decorrente do desenvolvimento urbano com a energia elétrica.

A iluminação pública era acionada pontualmente, no sentido britânico do termo, às 17h50, bem próximo ao horário em que a programação da emissora apresentava os artistas locais, nos dias em que não eram fornecidas informações de interesse comercial. Como esta deficiência técnica no suprimento de energia elétrica não foi solucionada pelos peritos da companhia inglesa, a despeito das solicitações feitas por um ruidoso grupo de radiófilos que apreciavam a voz eletrônica de Manaus, o incômodo ruído elétrico ofuscou o brilho da emissora pioneira da capital. (NOGUEIRA, 1999, p. 41)

Após de oito anos do que Nogueira (1999) chamou de “o jejum radiofônico”, em 1938 surgiu a segunda emissora de rádio amazonense: a Voz da Bariceia. Considerado o primeiro grande nome da narração esportiva do Amazonas, o carioca Wuppschlander Lima, bacharel em direito e apaixonado por rádio, era profundo conhecedor dos segredos da profissão. Ele deu grande apoio para que Programação da Voz da Bariceia, de Lizardo Rodrigues, pudesse ser no final dos anos 30, a novidade que entretia alguns privilegiados ouvintes que recebiam as transmissões sonoras na época. A Voz da Bariceia, que serviu a interventoria

de Álvaro Maia, era dirigida por Gebes Medeiros, virou Rádio Baré em 1943, passando a integrar a redes de emissoras dos Diários Associados de Assis Chateaubriand.

Com a chegada de Josué claudio de Souza à Manaus, onde na época veio para dirigir a emissora de Chateaubriand, decidiu, em 1948, fundar a Rádio Difusora. Seis anos depois, os irmãos Acher Pinto, com o apoio do empresário Charles Hamur, inauguraram a Rio Mar, deixando Manaus com as primeiras três emissoras de rádio.

As três emissoras, em uma época de escassos patrocínios e que o amazonense não aquinhoado só conhecia televisão por fotografia, disputavam a preferência dos ouvintes. A salutar rivalidade marcava o início da fase de ouro do rádio aqui do Amazonas. (LIBÓRIO, 2009, p.111)

A semente plantada por Wuppschlander começou a germinar e envolver os jovens sonhadores. A partir daí as resenhas esportivas e transmissões de jogos começaram a multiplicar os ouvintes e a revelar nomes, entre eles: Flaviano Limongi, Arnaldo Santos, Eduardo Monteiro de Paula, Flávio de Souza, Valdir Correia, Jaime Barreto, Orlando Rebelo. Esses cronistas foram alguns que marcaram a propagação e a época de ouro das ondas do rádio e que se confundem com a própria história do esporte amazonense.

A rivalidade é muito boa, quando tem rivalidade é bom pra todo mundo. Nós tínhamos aqui um Vivaldo Lima lotado, quando não era o Vivaldo Lima era o parque. O nacional era a base do Atlético Mineiro e o Rio Negro a base do Cruzeiro e o Fast clube não ficava pra traz, então nos tínhamos grandes jogadores e grandes craques do futebol no Amazonas. Manaus expandiu, então a nossa opção aqui de lazer era o futebol, você almoçava e jantava futebol. (MELO 2012)

Os profissionais do rádio daquela época ainda guardam na memória, a fase em que o futebol despertava paixões e lotava estádios. Alguns clubes como o rio-nal, Pai-Filho, Galo-Preto e outros jogos que era sinônimo de estádio lotado. Libório (2009, p.112) relata como o rádio envolvia os amantes do futebol: “Tínhamos a Colina e o Parque Amazonense, mas tínhamos sobretudo entusiasmo para promover os jogos porque o rádio era o grande veículo de comunicação de massas em qualquer horário.”

Os cronistas de rádio eram fascinados pelo esporte, isso os motivava a promover e narrar os jogos, porque o rádio passou a ser um grande veículo de comunicação de massa em qualquer horário com um espaço aberto para o esporte.

Nós perdemos dirigentes de futebol que gostavam de fazer e se afastaram. Nós perdemos a rivalidade do futebol para o carnaval e depois ainda veio o boi, aí ficou a rivalidade entre o boi e o carnaval e o futebol ficou pra baixo. Não renovamos, não criamos valores, fugimos de uma primeira divisão do futebol brasileiro, veio pra segunda, terceira e caiu na quarta divisão. O torcedor é exigente, com a tecnologia de hoje ele não quer ir para o estádio assistir um festival de peladas que não tem jogador de periferia que é uma atração. Ele tem canal de televisão fechada em qualquer barzinho e ele prefere assistir um jogo de Vasco e Flamengo, e com isso ele perdeu o caminho do Estádio de futebol. Nós não criamos uma nova rivalidade e com isso o nosso futebol foi massacrado porque era um futebol fantástico aqui. Nós estávamos na elite do futebol, eu muitas vezes transmiti jogo do Fast no Maracanã, do rio Negro com o Flamengo, do Nacional contra o Santos e nós fazíamos isso constantemente. Com o crescimento da cidade houve uma desmotivação total, essa é uma retrospectiva que eu tenho do tempo áureo. (MELO, 2012)

Entre os principais profissionais do rádio que viveram essa intensa paixão pelo futebol fizeram parte da Associação de Cronistas e Locutores Esportivos do Amazonas (Aclea), fundada em cinco de fevereiro de 1956. A associação teve início com apenas 27 sócios, mas posteriormente ganhou novos adeptos que passaram a lutar pelo desenvolvimento do futebol no Estado.

Cronistas e locutores esportivos do Amazonas

Seria inviável apresentar todos os locutores esportivos do Amazonas. Para definirmos os quais seriam destacados na pesquisa, fizemos uma pesquisa nas redes sociais e nos departamentos da faculdade para encontrar os mais famosos. É preciso considerar também que a pesquisa solicitada visava a apresentação de cinco a dez profissionais do rádio, dentre os quais destacamos abaixo uma breve apresentação:

- Arnaldo Santos

Arnaldo dos Santos Andrade nasceu em 17 de julho de 1938, em Manaus, capital do Amazonas. A paixão pelo rádio começou aos 12 anos, durante a transmissão da final da Copa de 1950, na derrota do Brasil para o Uruguai no Maracanã. Quando garoto, gostava de futebol depois desse acontecimento começou a paixão pelo futebol no rádio. Ainda na juventude, Arnaldo começou a fazer transmissões com os serviços de alto falante e de jogos de vôlei, basquete e futebol de salão, direto da quadra Francisco Guimarães onde é atualmente é o ginásio do Atlético Rio Negro Clube. Após as transmissões na quadra,

Arnaldo foi diretamente para o rádio e teve o primeiro contato oficial com a Rádio Rio Mar, onde passou três meses. Depois foi para Rádio Baré pertencente aos Diários e Emissoras. Arnaldo Santos é referência no meio esportivo, especialmente por seu legado construído em anos de dedicação ao esporte amazonense e seu estilo marcante ao microfone, com uma locução empolgante e segurança em suas críticas o tornaram um modelo a ser seguido por muitos locutores esportivos. Um de seus jargões mais conhecidos era “ Bom filho, bom aluno, bom de bola, craque na escola, craque na bola”.

- Dudu Monteiro de Paula

Eduardo José Cavalcante Monteiro de Paula nasceu em 2 de junho de 1950, em Recife, capital de Pernambuco. Por pertencer a uma família que tinha pais fanáticos por futebol e cinco filhos homens, a paixão pelo esporte começou desde o dia em que nasceu. Desde a infância, Dudu Monteiro de Paula sempre praticou esportes, entre eles: vôlei, basquete, handebol, atletismo, judô, natação, bola aquático, aqualouco, esgrima, karatê, aikidô e kendô. Ele chegou a se campeão de vôlei, de handebol e de karatê. Seu irmão mais velho, Edgard Monteiro de Paula, foi apresentador de TV e levou Dudu entre outros importantes comunicadores do esporte, como Orlando Rebelo, para fazer parte da equipe de repórteres e comentaristas do programa. Dudu já apresentou diversos programas e fez muitos comentários em rádio e TV, tendo passado por importantes emissoras de rádio do Estado, incluindo a Difusora, a Novidade e a Amazonas FM. Atualmente, é apresentador oficial do Globo Esporte local na TV Amazonas, afiliada da Rede Globo e faz comentários em outros jornais da emissora, além de fazer comentários de esporte na Rádio Amazonas FM, da qual chegou a ser diretor. O seu jargão mais famoso é “Salve, salve”.

- Flaviano Limongi

Flaviano Demasi Limongi nasceu em 04 de maio de 1926, em Manaus. A paixão pelo esporte começou bem cedo para Limongi, ainda na infância. Ele era estudante do Colégio Dom Bosco e jogava futebol com os amigos da escola no recreio, além das peladas na rua onde morava, no centro da cidade. Na juventude, disputaram vários campeonatos e chegaram a ser vice campeão no Tijuca Clube. Limongi atuava como jogava na posição de goleiro, primeiramente usou pseudônimos para que o pai não descobrisse e depois que passou a fazer sucesso, foi inevitável. Limongi chegou a jogar emprestado pelo Fast Clube. Um dos marcos de sua carreira esportiva foi ter jogado pela Seleção Amazonense de

Futebol. Sua primeira oportunidade em rádio foi quando trabalhou na Rádio Baré, de Assis Chateaubriand, juntamente com Josué Cláudio de Souza, que após uma ousada decisão de sair da Baré, fundou a Rádio Difusora em 24 de novembro de 1948. Limongi também fez parte do rádio amazonense em sua fase de maior sucesso, na década de 1950, fazendo apresentação de programas de auditório, além de locução esportiva. Com o passar do tempo, Flaviano Limongi passou a se dedicar à sua carreira jurídica e se tornou Juiz na Justiça do Trabalho e hoje é desembargador, mas nunca se desligou totalmente do esporte. O desembargador, ex-locutor e jogador de futebol Flaviano Limongi tem sua trajetória é marcada pelas conquistas para o esporte amazonense e é considerado por muitos como o patriarca do futebol amazonense.

- Flávio de Souza

Flávio de Carvalho Souza nasceu no dia 03 de abril de 1930 em Cruzeiro do Sul, no Acre. Ainda na infância já praticava esporte. Morava próximo ao estádio General Osório e todas as tardes assistia aos jogos de futebol no campo esportivo. O interesse pelo futebol, em especial, começou na infância, quando se reunia para brincar com os vizinhos. Aos domingos, Flávio juntava-se a um grupo composto por cerca de 40 garotos para formar times e realizar torneios durante o dia inteiro. O primeiro contato com a rádio aconteceu por intermédio da irmã que era locutora na emissora. Flávio acompanhava a irmã para que ela não voltasse sozinha para casa. Certo dia chamaram Flávio para substituir um rapaz que tocava violão e havia faltado. Depois ele precisou fazer o programa. Flávio continuou na emissora no programa Regional da Rádio Baré. Com o tempo, assumiu a direção do regional e ficou responsável pela seleção musical do programa. O trabalho na área musical levou Flávio a narrar futebol. Flávio começou a participar das crônicas esportivas, comentários, ajudando os colegas da Associação do Cronistas e Locutores Esportivos do Amazonas (Aclea), que prestigiavam o futebol. O locutor também contribuiu com a música regional. Ele compôs o hino do Nacional, do Olímpico e do Rio Negro. Além de criar um enredo para escola de samba que saiu campeã também compôs um hino para o município de Autazes, no Amazonas.

- Jaime Barreto

Jaime José Barreto nasceu no dia 19 de fevereiro de 1948 em Salvador, capital da Bahia. Passou sua infância no interior do Estado do Rio de Janeiro e gostava de peladas, futebol de

botão e de ouvir rádio, até porque não havia muitos aparelhos de TV no interior. Em 1965, fez um concurso para entrar na Rádio Carioca e na Rádio Continental, ambas no Rio de Janeiro, sendo aprovado nas duas em primeiro lugar, mesmo tendo que competir com duzentos concorrentes. Nos anos de 1970, Jaime mudou-se para Manaus e passou a trabalhar na Rádio Rio Mar. Entre as grandes experiências profissionais que coleciona em décadas de profissão, Jaime participou da transmissão da Taça da Independência, no Rio de Janeiro, em 1972, na final no Rio no Maracanã, em um jogo entre Brasil e Portugal. Jaime tem uma narração peculiar, como outros grandes narradores esportivos, gosta de usar bordões, entre eles: “Então o negócio é eu e você”, “Pare e escute”, “Torcedor amigo, acompanhe comigo”. Direciona a sua locução de acordo com a bola, fazendo jus às influências sulistas que tanto acompanhava na infância. Jaime trabalha atualmente como locutor esportivo da Rádio Rio Mar, mas também já passou pelas rádios Baré e Difusora.

- Orlando Rebelo

Orlando Rebelo, nasceu em Manaus no dia 23 de abril de 1940. Filho de Elvira Rebelo e Graciano Alves Rebelo, morou boa parte da vida no Centro de Manaus, na Rua Joaquim Sarmiento, próximo as antigas instalações da Rádio Difusora do Amazonas. A história de Orlando se confunde com a trajetória do esporte amazonense. Na década de 50, Orlando frequentou o Oratório Festivo do Colégio Dom Bosco. Já em 1960, com incentivo do jornalista Josué Cláudio de Souza, tornou-se jogador do Atlético Rio Negro Clube. Na trajetória como atleta do Amazonas, participou de várias partidas importantes. O Rio Negro era o seu clube do Coração. O palco principal das apresentações era o Parque Amazonense. Orlando era um jogador habilidoso e atuava em duas posições: nas pontas e no meio campo. A carreira como jogador de futebol foi rápida por conta de uma contusão o tirou dos gramados, em 1963. Dedicado no que fazia, Orlando começou a trilhar um caminho de sucesso tanto no rádio como na Televisão. Iniciou a carreira nos meios de comunicação atuando como operador da rádio da Difusora do Amazonas. Orlando Rebelo faleceu no dia 10 de abril de 2012, em Manaus, aos 69 anos de idade. Orlando deixou ao Amazonas um exemplo de vida e de dedicação ao esporte regional. Orlando Rebelo é um dos ícones esportivos do rádio e da TV e será eternizado como “O locutor da Amazônia”.

- Valdir Correia

Valdir Correia de Melo nasceu em 04 de agosto de 1949, no município de Sena Madureira, no Estado do Acre. A família de Valdir mudou-se para Manaus em 1957. Na década de 60, Valdir improvisava um microfone com duas latas de leite e, do muro, brincava de narrar os jogos. Ele sofria influência das transmissões esportivas da Rádio Globo, sintonizada em Manaus na rádio Transglobo. Ele também animou arraiais no Morro da Liberdade fazendo locução nos altofalantes. Ele levava o gravador para o estádio de futebol e transmitia o jogo pelo gravador para introduzir no serviço de altofalante. Na juventude, Valdir também fez parte da equipe juvenil do Nacional Futebol Clube como zagueiro. A Rádio Baré promoveu um concurso na época. Participaram da disputa cerca de cem candidatos. Somente duas pessoas passaram no concurso para compor a equipe esportista da rádio: Nonato Farias e o Valdir Correia. Valdir ficou conhecido como “O garotinho” quando Josué Filho fez uma comparação entre ele e José Carlos Araújo da Rádio Nacional. A brincadeira pegou e Valdir é conhecido popularmente como o garotinho da Rádio Difusora a ponto de pouquíssimas pessoas o chamarem pelo nome por conta do apelido. Atualmente, Valdir Correia tem um dos programas de maior audiência do Estado, veiculado de segunda a sábado na Rádio Difusora do Amazonas, mas o locutor não nega que sua paixão mesmo é o esporte, em especial o futebol.

Memórias do futebol amazonense

Uma das maiores dificuldades encontradas para a realização desta pesquisa foi a ausência de registros históricos, muito se perdeu com o tempo em documentos destruídos com a falta de cuidados necessários, sem contar que o maior de todos os problemas foi realmente a falta de valorização por esta parte tão importante da história do Amazonas.

Entre os momentos mais marcantes das entrevistas realizadas, pode-se destacar relatos como o de Paula (2012). Paula destaca a importante participação de Limongi na construção do Estádio Vivaldo Lima, que usou de sagacidade para pedir apoio em Brasília, além de sugerir ao governador da época de fazer parceria com uma fábrica de refrigerantes para converter tampinhas de metal em dinheiro para a construção.

O Flaviano fez duas coisas interessantes que pouca gente sabe: apoiou massivamente a construção do Vivaldo Lima e colocou o campeonato amazonense na primeira divisão. Flaviano fez um contrato com todas as empresas de refrigerante. A cada refrigerante vendido, Cr\$ 1 (cruzeiro) ia para a construção do Estádio. Então 80% da construção desse Vivaldo Lima que as nossas autoridades destruíram, acabaram com a memória e jogaram fora a nossa história, foi construído com o dinheiro da população. Depois disso, o Amazonas jogava contra todo mundo mesmo. Na época nós jogávamos e ganhávamos de grandes times do país. O Fast chegou a ganhar no Maracanã. (PAULA, 2012)

Limongi (2012) afirma que as boas relações com os representantes da federação brasileira abriram as portas para o futebol amazonense naquela época e que esse foi um dos momentos mais especiais para os amazonenses.

Eu estava marcando a inauguração do Vivaldo Lima e eu depois que fiz a amizade com o João Havelange, ele me trouxe duas seleções brasileiras. Até hoje, estádio nenhum trouxe duas seleções só aqui. Daqui saíram e foram tricampeões do México. Então eu era presidente da federação e tinha que fazer pelo Estado ou de um jeito ou de outro. (LIMONGI, 2012)

Melo (2012) lembra de jogos importantes que fez locução esportiva. Teve a oportunidade de narrar jogos inclusive no Maracanã. Sobre o Estádio Vivaldo Lima, Melo relata sobre os dias de estádio lotado e como os times amazonenses faziam grandes partidas.

Nós tínhamos aqui um Vivaldo Lima lotado, quando não era o Vivaldo Lima era o parque. O Nacional era a base do Atlético Mineiro e o Rio Negro a base do Cruzeiro e o Fast Clube não ficava pra trás, então nos tínhamos grandes jogadores e grandes craques do futebol no Amazonas. (MELO, 2012)

Andrade (2012) associa a decadência do futebol amazonense à falta de investimentos e à abertura para times cariocas. Ele acredita que a falta de valorização da cultura local é um dos maiores problemas do amazonenses, mas ainda acredita em uma mudança dessa realidade.

O público não vai ao estádio porque ele não tem uma atração, ele não tem uma resposta. É assim, paciência! Nós temos que viver e vencer essas barreiras, nós que vivemos nos anos 70 quando ia transmitir futebol tinha que ir onze horas para o estádio porque no estádio da colina ou no parque amazonense ficava lotado de gente. (ANDRADE, 2012)

Limongi (2012) destaca a importância do rádio para o futebol local. Devido às dificuldades de acesso geográfico, muitos dos amazonenses acompanham os principais campeonatos pelo rádio. Limongi ressalta que a emoção também é um fator determinante para que os amantes do futebol acompanhem ainda hoje os jogos pelo rádio.

Eu sempre achei que o Rádio é de muita importância. Hoje você sabe de tudo na hora antigamente não, você tinha que colocar vários fios. Então eu sempre achei que o rádio é muito importante e sempre será. Quem não tem televisão utiliza o Rádio. Eu as vezes deixo de ver o jogo pela TV para ouvir pelo rádio. O rádio é de muita importância porque você tem informação na hora, já a televisão tem que estar no lugar certo'. (LIMONGI, 2012)

O rádio esportivo amazonense pouco renovou o seu quadro de profissionais e muitos dos profissionais da velha guarda temem pelo futuro das coberturas esportivas. Acredita-se que com a realização de alguns jogos da Copa do Mundo de 2014 em Manaus o interesse pelo esporte seja resgatado. O que mais se lamenta em relação à infraestrutura que está sendo montada é a demolição do Estádio Vivaldo Lima para a construção da Arena da Amazônia, que não faz alguma alusão ao passado glorioso do futebol amazonense.

CONSIDERAÇÕES

Atualmente, o esporte tem pouco espaço reservado no rádio amazonense. Esse espaço se restringe a algumas transmissões de jogos nas rádios Rio Mar, Baré e Nova Acrítica. Já dentro dos programas radiofônicos, a editoria tem espaço garantido nos radiojornais, onde entra como quadro. O mais novo programa que destina uma produção voltada esporte, em especial ao futebol é o programa Papo Baré da Rádio Amazonas FM, onde os locutores abrem o microfone e em meio a um bate papo com três apresentadores, os ouvintes trocam ideias e sugerem alternativas para a retomada do esporte local.

Durante esta pesquisa foi possível observar que é preciso criar programas especializados e produzidos com o intuito de criar a cultura da apreciação do esporte entre públicos de variadas idades. Como se pode observar o rádio teve um importante papel no passado e pode sim voltar a formar opinião e a informar sobre o esporte não voltado apenas às

agendas de eventos, mas sim trazendo uma visão mais crítica da sociedade para a realidade do esporte amazonense.

Esta pesquisa proporcionou o conhecimento de detalhes do passado do rádio e do futebol e já trouxe ideias para que surjam futuras pesquisas e publicações sobre o tema. É importante considerar que o rádio é o espelho que reflete a realidade de uma sociedade e que portanto se faz necessário o seu uso como importante incentivador do esporte e de uma massa crítica social.

REFERÊNCIAS

ACLEA. **Portal da Associação dos Cronistas e Locutores Esportivos do Amazonas**. Disponível em: < <http://www.aclea.com.br/>>. Acesso em: 10 maio 2012.

ANDRADE, Arnaldo dos. **Entrevista concedida ao livro Enciclopédia do Rádio Esportivo Brasileiro**. Centro Universitário do Norte – Uninorte/Laureate. Manaus, 2012.

BARRETO, Jaime J.. **Entrevista concedida ao livro Enciclopédia do Rádio Esportivo Brasileiro**. Centro Universitário do Norte – Uninorte/Laureate. Manaus, 2012.

LIBÓRIO, Nicolau. **Memórias do esporte no Amazonas**. Manaus: Uirapuru, 2009.

LIMONGI, Flaviano D.. **Entrevista concedida ao livro Enciclopédia do Rádio Esportivo Brasileiro**. Centro Universitário do Norte – Uninorte/Laureate. Manaus, 2012.

MELO, Valdir C.. **Entrevista concedida ao livro Enciclopédia do Rádio Esportivo Brasileiro**. Centro Universitário do Norte – Uninorte/Laureate. Manaus, 2012.

NOGUEIRA, Luiz Eugênio. **O rádio no país das Amazonas**. Manaus: Valer, 1999.

PAULA, Eduardo J. C. M. de. **Entrevista concedida ao livro Enciclopédia do Rádio Esportivo Brasileiro**. Centro Universitário do Norte – Uninorte/Laureate. Manaus, 2012.

SOUZA, Flávio de C. **Entrevista concedida ao livro Enciclopédia do Rádio Esportivo Brasileiro**. Centro Universitário do Norte – Uninorte/Laureate. Manaus, 2012.

ZAMITH, Carlos. **Blog Baú Velho**. Disponível em: < <http://www.bauvelho.com.br/>>.
Acesso em: 10 maio 2012.